
Medievalismo en Extremadura

Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas
de la Edad Media

Jesús Cañas Murillo
Fco. Javier Grande Quejigo
José Roso Díaz (Eds.)

Medievalismo en Extremadura
Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas
de la Edad Media



Cáceres
2009

MEDIEVALISMO en Extremadura : Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media / Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009

XXII, 1310 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-879-9

1. Literatura medieval-historia y crítica. I. Cañas Murillo, Jesús (Ed.). II. Grande Quejigo, Javier (Ed.). III. Roso Díaz, José (Ed.). IV. Título. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82.09"04/15"

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2009

© De los autores, 2009

© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.ª edición, 2009

Ilustraciones de cubierta: miniaturas de cancioneros del siglo XIII (Biblioteca Vaticana y Biblioteca Nacional de Francia) recogidas en el libro de Martín de Riquer, *Vidas y retratos de trovadores. Textos y miniaturas del siglo XIII*. Barcelona, Círculo de Lectores-Galaxia Gutenberg, 1995.

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. (927) 257 041; Fax (927) 257 046

E-mail: publicac@unex.es

<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-879-9

Depósito Legal: M-52.674-2009

Impreso en España - *Printed in Spain*

Impresión: Dosgraphic, s. l.

EM DEMANDA DE BOORZ PELA PENÍNSULA IBÉRICA

Elsa Mónica Vieira
Universidade do Porto

Boorz de Gaunes, personagem central do ciclo arturiano em prosa, surge pela primeira vez no universo diegético no Lancelot não-cíclico. Logo nas primeiras linhas do *Lancelot du Lac*, vemos explicitada a sua ascendência: Boorz é filho do rei Boorz de Gaunes, que por sua vez é irmão do rei Ban de Benoic, o pai de Lancelot do Lago. A mãe de Boorz de Gaunes era também irmã da mãe de Lancelot. Boorz de Gaunes era, pois, primo co-irmão de Lancelot, já que seus pais e mães eram, respectivamente, irmãos e irmãs. Está assim reforçada a filiação, simultaneamente paternal e avuncular, dos dois primos direitos e a importância desta personagem, que, juntamente com Persival, acompanhará Galaaz ao Castelo do Graal e com eles testemunhará o Santo Vaso.

Analisemos, então, o percurso e a construção desta personagem não ao longo do universo arturiano por inteiro mas nas versões ibéricas da *Queste del Saint Graal*, a saber: *Demanda do Santo Graal*, manuscrito quatrocentista pertencente à Biblioteca Nacional de Viena, e *La Demanda del Sancto Grial*, edição castelhana de 1535 (que doravante designaremos, respectivamente, por DP e DE, siglas que a crítica consagrou para estes textos).

Quando confrontadas as duas versões ibéricas da *Queste*, tornam-se evidentes lições textuais diversas que levantam problemas não apenas de ordem textual mas espoletam importantes questões de âmbito interpretativo. Começemos pelo episódio de abertura de ambos os textos, o «Pentecostes do Graal». Uma donzela surge em Camelot e pede a Lancelot que a acompanhe. Ao ver Lancelot abandonar a corte, Boorz e o irmão, Lionel, seguem-no. Lancelot é conduzido a um mosteiro onde está Galaaz, seu filho, e arma-o cavaleiro. Boorz e Lionel não assistem à cerimónia de investidura, mas o primeiro indaga, no regresso à corte, a identidade do jovem cavaleiro, que Lancelot recusa revelar¹. É Lionel quem, logo a seguir, salienta: «quem quer que seja é tam mais fremoso que nunca eu vi de sua idade e, se for tam bõo cavaleiro como fremoso, muito bem lhe faria Nosso Senhor»². Sem ter plena consciência disso, Boorz está presente no lugar de investidura do Cavaleiro Desejado, que acompanhará em grande parte da sua demanda.

¹ Cap. 7, fl. 2vII DP; Todas as referências a este texto baseiam-se na nossa leitura e transcrição do *fac simile* do Ms. 2594 BNV publicado na 2ª edição de Augusto Magne, volumes I (1955) e II (1970).

² *Idem*.

As lições do manuscrito português e da edição castelhana coincidem neste passo. Boorz de Gaunes só voltará a ser referido mais adiante na narrativa, quando é evocada a concepção e ascendência de Elaim, o Branco, seu filho, havendo, contudo, na edição castelhana, pequenos segmentos que denotam uma certa secundarização do ramo da linhagem do rei Ban representada por Boorz e Elaim.

Logo após os clérigos terem encontrado nas *seedas* da Mesa Redonda o nome de dois novos cavaleiros, Erec e Elaim, o Branco, Artur tece vários comentários, congratulando-se pelo sucedido. No entanto, quando se refere a Elaim, declara:

Fijo, soys muy fermoso, mas *de vuestra bondad no se nada*³.

Ora, esta afirmação não se encontra no manuscrito português, cuja lição é:

Filho, muito sodes fremoso, mas Deus, por sua bondade, vos faça semelhar em cavalaria o vosso linhagem de rei Bam⁴.

Logo de seguida, o texto castelhano elimina a afirmação do narrador do manuscrito português que refere ter Elaim ganho a «*seeda da Távola Redonda* per prazer de Nosso Senhor»⁵. As lições do texto castelhano parecem inscrever-se no relativo apagamento da dimensão linhagística das personagens que igualmente detectamos na *Queste Vulgata* que conhecemos através da edição de Albert Pauphilet.

Mais adiante, após Galaaz ter chegado a Camelot, ocupado a «*seeda perigosa*» e resolvido a prova da espada, Artur manda organizar um torneio. Temia nunca mais ver reunidos na sua corte os cavaleiros da Távola Redonda, mas desejava sobretudo observar as habilidades cavaleirescas de Galaaz. No final do torneio, em que Galaaz suplanta em cavalaria todos os companheiros da Távola Redonda, Artur pede aos cavaleiros que se desarmem. Toma o elmo de Galaaz e entrega-o a Boorz de Gaunes. Até este ponto do episódio, as versões portuguesa e castelhana praticamente coincidem. Todavia, se o redactor de DP termina o relato justificando a entrega do elmo de Galaaz a Boorz –

deu-o a Boorz de Gaunes que lho tevesse, ca aquele era o em que ele avia fiuza mui grande que sempre fora em sua honra e em sua ajuda⁶

–, o texto de DE omite o elogio ao primo co-irmão de Lancelot:

e fizo tirar a Galaz su yelmo, e diole a Boores de Gaunes que lo truxesse⁷.

Que motivo terá presidido a este corte cirúrgico? O mero acordo com o texto da *Queste del Saint Graal*, *Vulgata*, que igualmente omite o encómio a Boorz? Teria o redactor castelhano perdido a memória da importância da personagem Boorz de

³ Cap. XII, p. 167b, DE; sublinhado nosso. Não nos sendo possível consultar a edição de 1515, existente em exemplar único no British Museum, as referências a este texto terão por base a edição de 1535 incluída em *Libros de Caballerías* (1907).

⁴ Cap. 14, fl. 4vII DP.

⁵ *Idem*; sublinhado nosso.

⁶ Cap. 22, fl. 7rII DP; sublinhado nosso.

⁷ Cap. XX, p. 170a DE.

Gaunes, puro aos olhos de Deus (a quem prometera virgindade, só contrariada pelo encantamento da noite em que fora concebido Elaim, o Branco)? Lembremo-nos que, no início da diegese, Boorz era o terceiro em hierarquia na linhagem do rei Ban, logo após Galaaz e Lancelot, mas que, à medida que a narrativa avança e se agudiza a degradação do estatuto de Lancelot, afundado na culpa do adultério, surge claramente como substituto do Cavaleiro do Lago junto do filho Galaaz, sendo um dos três cavaleiros eleitos que acompanham o Graal a Sarraz, juntamente com Galaaz e Persival.

Regressemos ao episódio do Pentecostes do Graal. Após o Santo Vaso ter surgido na corte reunida para o Pentecostes, uma donzela, empunhando uma espada embainhada, entra no paço e pede a Artur que todos a desembainhem: a espada, ricamente ornamentada, surgirá tingida de sangue assim que a retire aquele que mais cavaleiros matar na demanda do Santo Graal, que logo se iniciará. Tal como em quase todos os momentos de alguma solenidade, também aqui o ritual se hierarquiza: os cavaleiros vão sucessivamente desembainhando a espada sem que nada aconteça. No texto português, o primeiro a fazê-lo é Artur, depois Galaaz:

Entam deu El-rei a espada a Galaaz e sacou-a da bainha e nom se modou de qual era. El-rei dise: «Vós sodes quite». E Galaaz deu-a a seu padre, e tirou-a e nom pareço rem. E depois a *Boorz de Gaunes* e a Estor e a Persival de Galas e a Erec, filho d'El-rei Lac, e a Gariete, mas rem nom se mostrou em nhũu destes. E entam a filhou Galvam e tanto que a sacou da bainha tornou toda cuberta de sangue⁸.

Cavaleiros da linhagem do rei Ban são, depois de Artur, os primeiros a retirar a espada, surgindo Boorz logo após Galaaz e Lancelot. Todavia, a versão castelhana secundariza, de novo, Boorz de Gaunes:

Galaz la dio a su padre, y el la tiro e no parecio ninguna señal; y despues la dieron a Tristan e no parecio cosa; despues *Boores de Gaunes*, e Lionel, y Estor, e Perseual de Galaz, y Erec, fijo del rey Lac, e Gariete. Mas cosa no se mostro a ninguno destes; estonce la tomo Galuan, e tanto que la saco de la vayna, vieronla toda cubierta de sangue⁹.

Tristão e Lionel não surgem no texto português. Terá o redactor castelhano pretendido secundarizar propositadamente Boorz de Gaunes, inserindo Tristão a cumprir o ritual antes de si e realçando o amante de Iseu em detrimento de uma personagem que considerava menos relevante e da qual já eliminara um pertinente louvor?

A demanda inicia-se e nada sabemos do trajecto inicial de Boorz, concentrando-se o redactor no percurso de Galaaz e outros cavaleiros. Mas Boorz será o companheiro natural de Galaaz numa boa parte da Demanda do Santo Graal, sobretudo nos episódios que mais explicitamente incorporam uma renovação moral da cavalaria. Não analisaremos aqui todas as aventuras de Boorz em demanda do Santo Vaso, mas salientaremos os passos mais importantes. É o caso do episódio que decorre no castelo do rei Brut, já a demanda dos cavaleiros vai avançada.

⁸ Cap. 30, fl. 9vI, DP; sublinhado nosso.

⁹ Cap. XXVIII, p. 172b, DE; sublinhado nosso.

Quando Galaaz e Boorz pernoitam no castelo do rei Brut, a filha deste, «mui fremosa cousa», apaixonou-se desvairadamente por Galaaz e, durante a noite, invade «em camisa» o leito do Cavaleiro Desejado. Ao verificar que Galaaz dorme com uma estamena e recusa quebrar o voto de castidade, a donzela suicida-se com a espada do filho de Lancelot. Ao saberem do sucedido, e julgando terem sido Boorz e Galaaz os assassinos da donzela, os homens do rei atacam-nos, mas Boorz defende vigorosamente Galaaz:

E Boorz foi a espada e tirou-a da bainha e disse a Galaaz: «Senhor, filhade vossas armas e pensei vos defender, ca ma semelha ca vos é mui mester. E eu vos defenderei ataa que vós sejades armado». Galaaz foi correndo aas suas armas que stavam ante seu leito e armou-se o milho e o mais toste que pode. Entam os quiserom eles cometer logo Boorz e quiserom-no prender, mas nom poderom, ca el se defendeo tam maravilhosamente com sua espada, que lhes talhava as cabeças e os braços e dirribava ùs aqua e os outros ala e linpou tam bem a camara deles que a pouca de hora nom ficou i outrem afora eles anbos e o corpo da donzela, fora se foi cavaleiro morto ou mal chagado que nom pôde sair. Pois esto ouve fecto çarrou mui bem a porta da camara e foi filhar suas armas e armou-se mui bem¹⁰.

Só após um combate singular entre Boorz e Brut, que Boorz vence facilmente, o rei admite enfim a verdade. A propósito deste episódio, José Carlos Miranda declarou ser «sintomático, e não certamente casual, que Boorz esteja ao lado de Galaaz no episódio do *castel Brut* –memória de todas as aventuras amorosas– para, com o seu braço, defender a causa dos inocentes, neste caso do próprio Galaaz, em duelo judicial»¹¹. *De facto*, Boorz parece ser o princípio activo da linhagem do rei Ban, o elo de ligação entre um Lancelot em perda e um Galaaz imaculado¹².

Se os textos português e castelhano praticamente coincidem neste episódio, alguns capítulos adiante *La Demanda del Sancto Grial* apresenta um enorme hiato. O redactor suprime todos os episódios que se seguem (cerca de cento e vinte capítulos) até ao momento em que surge no manuscrito português Meraugis de Porleguez, filho bastardo do rei Marc da Cornualha e futuro cavaleiro da Távola Redonda. A versão castelhana elimina, portanto, sequências fundamentais para a premonição e definição da excelência cavaleiresca e espiritual de Boorz de Gaunes. Desde logo, a visão de Galvão: três touros que se salientam entre cento e cinquenta, dois brancos e um malhado, que um eremita desvenda serem, respectivamente, Galaaz, Persival e Boorz:

Os dous touros que eram brancos significam Galaaz e Persival, que sam brancos ca soom virgões limpos e sem malha; o terceiro touro ouvera ja sinal de malha, este era Boorz que peça avia que errara em sua virgindade, mas depois o corregeo em guisa que tam bem guardou sa castidade, que todo aquel erro foe perdoado. Os tres touros eram liados p'los corpos, sam estes tres cavaleiros que sam asi liados de humildade, que ja soberva nom pode a eles entrar¹³.

¹⁰ Cap. 118, fl. 38vII, DP.

¹¹ Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem* (cf. «Bibliografía»), p. 125.

¹² Já no *Lancelote en Prose* Boorz havia substituído Lancelot em alguns torneios.

¹³ Cap. 158, fl. 54vI, DP.

Mais tarde, depois do manuscrito de Viena dedicar uma longa série de fólhos às aventuras em comum de Boorz e Galaaz, nomeadamente as relativas ao segundo nível da Demanda¹⁴ (o encontro com Esclabor, primeiro, e o cavaleiro da Besta Ladrador, mais adiante, o que provoca a separação dos dois cavaleiros –Galaaz vai em perseguição de Palamedes, que ferira Boorz em combate), o primo de Lancelot encontra um eremita que lhe revela o sentido da busca do Santo Graal e que o leva à confissão, comunhão e penitência. Pouco depois, Boorz encontra-se perante um grave dilema: socorrer o irmão, aprisionado por dois cavaleiros após ter lutado contra um marido ciumento, ou uma donzela. Invocando auxílio divino para Lionel, socorre a donzela e termina resolvendo uma disputa matrimonial. Os raptos de Lionel caem fulminados pela vontade divina, mas a ira de Lionel contra o irmão Boorz não abranda, nem mesmo após os conselhos de um frade, numa abadia onde se acolhera. Lionel ataca Boorz e mata depois um eremita e Calogrenant, que viera entretanto em socorro de Boorz. Só um raio divino impede que a luta entre os irmãos prossiga e os dois acabam finalmente por se reconciliar.

Este episódio, ausente, como vimos, na versão castelhana, realça novamente a preocupação de Boorz de Gaunes em privilegiar a defesa e o socorro dos indefesos, mesmo que isso signifique abandonar o irmão em perigo de vida. Para José Carlos Miranda, «o seu desprendimento quando está em causa a defesa dos inermes, aqui representados pela donzela em perigo, é o mesmo que já o LANCELOT cíclico lhe atribuía e que faz dele um modelo acabado das virtudes morais da cavalaria»¹⁵. Este episódio, «até pelo diálogo intertextual que revela com aqueloutro do LANCELOT onde eram intervenientes Gaeriet e Brandeliz (...), é o único em que uma qualquer personagem, para além de Galaaz, adquire um estatuto exemplar susceptível, por isso, de revelar um ensinamento de natureza positiva. Assim, no código da cavalaria renovado que a DEMANDA propõe, há que juntar à exemplaridade da acção de Galaaz a de Boorz de Gaunes, na reafirmação de que é dever da cavalaria colocar a defesa dos inermes, dos deserdados e de todos aqueles que são vítimas contra a sua mesma vontade, acima dos interesses pessoais, da casta profissional ou do grupo linhagístico»¹⁶.

Além disso, Boorz é também um predestinado. A sua posição no seio das linhagens eleitas leva a que seja favorecido por uma especial protecção divina, que é já patente na sua segunda visita a Corberic¹⁷, incluída no *Lancelot en Prose* e que, no episódio da DEMANDA, novamente se revelará decisiva para que o mais grave não suceda no confronto com a descontrolada ira do irmão. Aliás, a intervenção divina acaba por favorecer não apenas Boorz, impedindo-o de matar, mas também Lionel, que evita, assim, ser morto em dois momentos diversos: uma primeira vez, quando, por prece

¹⁴ Para a distinção do primeiro (primitivo) e segundo níveis do texto da Demanda do Santo Graal, ver Miranda (*A Demanda do Santo Graal*) e Laranjinha (2004), que discordam na atribuição de alguns episódios à primitiva *Queste*.

¹⁵ Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem* (cf. «Bibliografia»), p. 125.

¹⁶ Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem* (cf. «Bibliografia»), p. 126.

¹⁷ Lembremo-nos que é nesta segunda visita ao castelo de Corberic que é revelada a Boorz a existência de Galaaz, nessa altura ainda um bebé de dez meses, sendo um dos primeiros a ter dela conhecimento. Cf. Micha (V: 254).

de Boorz, escapa das mãos dos que o haviam aprisionado¹⁸; uma segunda, quando se preparava para combater com o irmão, apesar do duplo assassinato que cometera pouco antes¹⁹.

Mais adiante, vemos Boorz dirigir-se ao mar, aconselhado por uma voz divina, que lhe diz ser aí esperado por Persival:

Assi se acharom os amigos na barqua que Deus les guisara e atendiam i quaes aventuras lhes El quisesse enviar²⁰.

Alguns episódios após a edição castelhana reencontrar a narrativa do manuscrito português, Galaaz e uma donzela, que mais tarde se saberá ser a irmã de Persival, vêm ao seu encontro. Diz o texto português:

Galaaz (...) cavalgou el e sa donzela, tanto que chegarom ao mar u Boorz e Persival na barca bem os fezera certaios a Santa Voz que nom atenderiam i muito e que o primeiro cavaleiro que aa barca chegaria que seria Galaaz. (...) entom começaram a chorar com plazer porque Deus os ajuntara assi de sũũ²¹.

Na versão castelhana o reencontro não é tão emotivo e DE resumirá logo a seguir a forma como os três cavaleiros e a donzela encontraram a Barca de Salomão e a significativa inscrição em caldeu que acentua o carácter imaculado e a fé inabalável destas personagens:

Ai tu, homem que em mim queres entrar, bem te guarda de mim entrares se nom és comprido de fe, ca bem sabe que nom ha em mim senom fe. E se tu i entras e te abaixas de fe, tanto que i entrares logo te falecerei e leixar-t'-ei caer no mar»²², que a donzela logo a seguir acentuará, realçando ser aquela uma «prova dos verdadeiros e dos leaes sergentes de Nosso Senhor que andam em esta demanda, ca já cavaleiro nom entrará i que ande em pecado mortal que logo i nom se perca»²³.

Na maravilhosa Barca de Salomão, «tam bem guarnida que maravilha era»²⁴, encontram um leito, uma espada, a coroa de Salomão e uma carta que lhes revela a *senifiança* da nave e dos seus objectos.

Tudo isto o texto português narra com detalhe em vários capítulos que a edição castelhana resume numa única frase. O texto castelhano suprime também o episódio do castelo do conde Arnalt, onde os três cavaleiros e a donzela são mal recebidos e Boorz socorre Persival, atacado por um cavaleiro que queria *filhar* a sua irmã.

¹⁸ «E ali fez Deus mui fremosso milagre por Boorz que rogara a Nosso Senhor por seu irmaão que lho guardasse de morte pois ele ia [a]correr a donzela por seu amor e por nom errar no juramento que avia feito da Tavola Redonda, que avia de acorrer a toda donzela coitada. E por esto quis Deus assi que por amor de Boorz que tanto fezera por Ele, que anbos os cavaleiros que levavam Lionel caerom mortos a entrada do campo» Cap. 174, fl. 62rI, DP.

¹⁹ Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem* (cf. «Bibliografía»), p. 126.

²⁰ Cap. 250, 94vI DP.

²¹ Cap. 408, 138rI DP.

²² Cap. 411, 138vII DP.

²³ Cap. 411, 139rI DP.

²⁴ Cap. 412, 139rII DP.

Já nos anos 90 do século passado, José Carlos Miranda havia adiantado a hipótese da *Demanda del Sancto Grial* representar, dado o seu estado lacunar «um conjunto de apontamentos de alguém que pretendeu, tal como aconteceu com os redactores das versões francesas ainda existentes, juntar novo material narrativo a um texto da *Queste del Saint Graal* que já possuía»²⁵, mas sem, contudo, passar à fase de refundição do material que à partida conhecia adicionando-lhe os novos elementos, do que resultaria um novo texto. No entanto, em 2004, Miranda repondera as observações antes enunciadas e conjectura que as lacunas do texto castelhano, quando confrontado com os seus congéneres galego-português e francês, ter-se-ão devido à notável repercussão que os romances de cavalaria conheceram em Castela durante o século XVI. O redactor a montante da edição da *Demanda del Sancto Grial* teria suprimido as sequências de episódios que mais claramente evocavam o Antigo e Novo Testamento, os Evangelhos Apócrifos e os textos mais próximos da hagiografia e do contexto político, acabando o texto publicado por transcrever essencialmente episódios onde prevalecerá «a actividade bélica da cavalaria isolada do seu contexto global», preservando, no entanto «a matéria tristaniana [...] em detrimento da que se relaciona especificamente com as personagens oriundas do *Lancelot*»²⁶.

Terão as especificidades do texto castelhano relativamente à personagem Boorz ficado a dever-se à perda de memória de uma estrutura linhagística tão bem vincada no texto português? Os modelos de escrita dos ‘libros de caballerias’, com grande repercussão em Castela ao longo do séc. XVI, não conservaram, *de facto*, esta estrutura, e *La Demanda del Sancto Grial*, ao dissimular o carácter acentuadamente cavaleiresco e linhagístico da *Queste do Pseudo-Boron*, na sua versão galego-portuguesa, aparentemente secundariza uma personagem fulcral e com significativas afinidades com a linhagem santa, não apenas de parentesco mas na definição da estrutura narrativa²⁷.

Diferenças mais significativas detectamos num episódio central para a definição do perfil e do trajecto dos três cavaleiros eleitos –Boorz, Persival e Galaaz: as mortes de Galaaz e Persival e o percurso de Boorz de regresso à corte arturiana. Fixemos, por isso, a nossa atenção nos momentos essenciais e nas variantes mais significativas de cada testemunho:

²⁵ Miranda (*A Demanda do Santo Graal*, cf. «Bibliografía»).

²⁶ Miranda (2004: 62).

²⁷ Miranda (2004: 63): «O texto da *Demanda* assim truncado provavelmente cumpriria bem a função a que se destinava, que era a de induzir e exemplificar o modelo de escrita dos ‘libros de caballerias’ que tão larga adesão viriam a ter em ambiente castelhano ao longo do séc. XVI –e não mais do que isso. Uma certa pressa e descuido na publicação pode, afinal, não ser mais do que um sintoma da avidez que se fazia então sentir sobre esse tipo de literatura, no seio da qual este vetusto romance era agora recuperado (em nota: o pico da difusão editorial das ‘novelas de caballerías’ situa-se entre 1523 e 1545). (...) O que as edições castelhanas dos romances arturianos acabam por revelar (...) é que o reino de Logres, o rei Artur e a Távola Redonda, com as suas fidelidades cavaleirescas e os seus códigos e éticas guerreiras, e sobretudo com a esplendorosa capacidade de transformar em linguagem as fissuras e contradições do imaginário feudal [visão do mundo da cavalaria num contexto de confronto com a realeza, na busca da supremacia social, política e militar], estavam há muito mortos e não chegaram realmente a aclimatar-se em ambiente castelhano».

DP (Ms. 2594 BNV) ²⁸	DE (ed. 1535)
«Pois Galaaz foi sotorado (...) Persival se meteu ermitam em ùa ermida (...). E Boorz se foi pera Persival mais nom cambou os panos de segre (...)». (fl. 186vI, DP).	Boorz não fica com Persival no mosteiro; depois de sepultado Galaaz, parte no cavalo de Galaaz: «Perseual e Boores (...) despidieronse el vno del outro para sienpre, llorando de sus ojos. E Boores se armo, e trueronle el cauallo de Galaz, e caualgo, e anduuu por las florestas e por yermos muchos dias [a caminho de Camelot]». (Cap. CCCLXXXVII, p. 312b).
Persival morre um ano e dois meses depois de ter tomado o hábito e Boorz sepulta-o ao lado da irmã e de Galaaz: «Entom passou deste segre e feze-o Boorz soterrar no Paaço Spiritual com sa irmã e a par de Galaaz» (<i>idem</i>). Boorz parte para Camelot.	São os monges que sepultam Persival ao lado da sua irmã e de Galaaz: «y a cabo deste tienpo passose deste siglo»; y los monjes lo enterraron en el palacio spiritual cerca de su hermana e cerca del buen rey Galaz, ca assi auia el mandado». (Cap. CCCLXXXIX, p. 312b).

Após as exéquias de Galaaz, o texto castelhano descreve a despedida de Boorz e Persival. Boorz parte para Camelot no cavalo de Galaaz e Persival entra num mosteiro de monges brancos, onde permanece um ano e um mês «y a cabo deste tienpo passose deste siglo»²⁹, sepultando-o os monges ao lado de sua irmã. Neste ponto, *La Demanda del Sancto Grial* contradiz o manuscrito de Viena, em que a lição é muito diferente: Persival entra num eremitério, acompanhado por Boorz que com ele fica até à sua morte, sendo o próprio Boorz a tratar do funeral. Por que razão o afasta o redactor do momento da morte de Persival e das suas exéquias? Uma vez mais, o texto castelhano apaga a personagem Boorz de um relato importante.

A narração prossegue com o percurso de Boorz até à corte arturiana. DE menciona a partida de Sarraz, mas omite o segmento narrativo que descreve a estadia de Boorz em casa de um montanhheiro, onde um cavaleiro da corte de Artur lhe revela novas sobre a linhagem do rei Ban:

Y Boores anduuu tanto por sus jornadas, fasta que vino al mar e fallo ay vna naue que queria yr al reyno de Londres, y entro dentro en ella, y anduuu tanto que lleo al reyno de Londres³⁰.

O diálogo entre Boorz e o cavaleiro, que apenas o manuscrito português difunde, é de capital importância, uma vez que este havia há pouco regressado de Camelot onde presenciara o pesar pelo desconhecimento do destino de Boorz, Galaaz e Persival, que a corte arturiana julgava mortos. O cavaleiro relata ainda o clima de violência latente que a corte vive: Estor de Mares desafiara Galvão pela morte de Erec e

²⁸ De salientar que, neste episódio, as lições do texto português e as da *Queste Vulgata* editada por PAUPHILET são quase coincidentes: «Perceval se rendi en um hermitage (...) et Boorz fu o lui; mes onques ne changa les dras del siecle, por ce qu'il baoit encor a reuernir a la cort le roi Artus. Un an et trois jorz vesqui Perceval en l'ermitage»; «et lors trespasa del siecle; si le fist Boorz enfoir o sa suer et o Galaad el palés espiritel» (1923: 279); sublinhados nossos.

²⁹ Cap. CCCLXXXIX, p. 312b, DE₂.

³⁰ Cap. CCCLXXXIX, p. 312b, DE.

Palamedes, sendo a batalha impedida pela intervenção de Lancelot e da rainha, cuja relação adúltera havia já sido descoberta pela linhagem de Artur, o que agudiza a tensão entre as duas linhagens, a de Artur e a do rei Ban.

Nem a chegada de Boorz a Camelot será capaz de aplacar a violência prestes a detonar. DE desenvolverá com maior detalhe que DP a recepção que a corte lhe dedica, sobretudo o relato de «todas las aventuras que auia visto, e las que a el auineran desde entrara en la demanda»³¹ e o pesar de Artur pela perda de tantos cavaleiros.

Por tudo isto, não podemos deixar de concordar com José Carlos Miranda, quando afirma que «Boorz de Gaunes não é, pois, aquele que foi encontrado apenas para perfazer o número três dos vencedores do Graal [como defendera Ferdinand Lot no início do século passado³²], mas sim o companheiro inevitável de Galaaz, aquele que mais de perto interpreta o sentido de renovação da cavalaria» para o qual aponta a lógica de construção do ciclo do Pseudo-Boron, do qual o manuscrito português da Biblioteca Nacional de Viena é um dos mais íntegros representantes. A cavalaria renovada representada por Galaaz e Boorz não é tanto uma negação do ideal de cavalaria do romance não-cíclico, mas um refinamento, um modelo de cavalaria eticamente depurado que se consubstancia, no caso de Boorz de Gaunes, na defesa dos inermes, dos que se encontram em desvantagem, dos que carecem de ajuda e de justiça, e na apologia da humildade e da castidade. Se a construção desta personagem no texto castelhano é muitas influenciada pela estratégia de escrita da *Queste Vulgata* que secundariza as afinidades genealógicas das personagens, no texto galego-português Boorz de Gaunes é *de facto* o cavaleiro da Távola Redonda que mais fielmente se inscreve no enquadramento ético-espiritual e nas referências genealógicas que o redactor acentua no caso de Galaaz, é a sua dimensão moral que é sublinhada, que mais imediatamente salta à vista nos episódios que vai protagonizando. Boorz é, juntamente com Galaaz, a plena legitimidade da cavalaria cristã.

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia Activa

A Demanda do Santo Graal, ed. Augusto Magne, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1º vol. 1971, 2º vol. 1955.

La Demanda del Sancto Grial, reed. Adolfo Bonilla y San Martín, en *Libros de Caballerias, Primera Parte, Ciclo artúrico – Ciclo carolíngio*, 2 vols., Madrid, Bailly-Bailliére (Nueva Biblioteca de Autores Españoles, dir. de Menéndez Pelayo, tt. 6 e 11), 1907-1908, pp. 163-338.

Lancelot, Roman en Prose du XIII.º Siècle, ed. Alexandre Micha, Genève, Droz, 1978-1983, vols. 1-7.

La Queste del Saint Graal, Roman du XIII.º Siècle, ed. Albert Pauphilet, Paris, Honoré Champion, 1923.

³¹ Cap. CCCXC, p. 313a, DE.

³² Lot (1918).

2. Bibliografia Passiva

Laranjinha, Ana Sofia: *Artur, Tristão e o Graal. A escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Robert de Boron*, Porto, Ed. do Autor, 2004.

Lot, Ferdinand: *Etudes sur le Lancelot en Prose*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1954 (reprint 1918).

Miranda, José Carlos Ribeiro: *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998.

—: *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito, 1998.

—: «A edição castelhana de 1535 da Demanda del Sancto Grial: o retorno de Excalibur às águas...», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 1, Instituto de Estudos Ibéricos-Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 53-63.